O BRINCAR NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES DA BRINCADEIRA DE PAPÉIS SOCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Amalia Maria Maciel Justino
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, justino.amalia09@aluno.ifce.edu.br
Josane Soares Germano
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, josane.soares.germano07@aluno.ifce.edu.br
Liz da Silva Lopes
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, julio.lopes08@aluno.ifce.edu.br
Igor Lima Rodrigues
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, igor.rodrigues@ifce.edu.br
Natália Ayres
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, natalia.silva@ifce.edu.br

RESUMO

Este estudo aborda o desenvolvimento psíquico infantil sob a ótica da Psicologia Histórico-Cultural, contrapondo-se a visões estritamente biologicistas do desenvolvimento. Nessa abordagem, busca-se compreender como se constituem as funções psíquicas superiores e de que maneira o ensino destinado às crianças de 0 a 5 anos pode favorecer esse processo, especialmente por meio do brincar enquanto fundamental da infância. O objetivo é investigar as contribuições de Vigotski, Luria e Leontiev para demonstrar como a brincadeira de papéis sociais atua como eixo de apropriação cultural, desenvolvendo a consciência, a atenção, a memória e o pensamento, visando subsidiar práticas pedagógicas emancipatórias. Como principais resultados, a pesquisa aponta que o brincar é a atividade principal na fase pré-escolar, capaz de criar uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Nas brincadeiras de papéis sociais, a criança internaliza normas culturais, substitui impulsos imediatos por motivos sociais e passa a utilizar objetos de forma simbólica, atribuindo-lhes novos significados. Esse processo estimula ativamente a imaginação, a linguagem, a comunicação e a cognição.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-Cultural. Desenvolvimento Infantil. Brincadeiras de Papéis Sociais. Educação Infantil.

1 Introdução

A compreensão do desenvolvimento humano tem sido, historicamente, um campo de intensas disputas teóricas na Psicologia e na Educação. Tradicionalmente, prevalecem visões biologicistas e naturalistas que compreendem a criança como um ser submetido a leis

universais de maturação, nas quais o psiquismo é entendido como resultado de um desdobramento de características hereditárias e biológicas. Em contraposição a essas perspectivas, o presente estudo fundamenta-se na Psicologia Histórico-Cultural como referencial teórico e metodológico central, buscando analisar o desenvolvimento psíquico infantil a partir de sua dimensão histórica, social e cultural.

Aprofundar a relação entre o ser humano e a natureza exige compreender o papel do trabalho e da linguagem como elementos centrais na transformação do ser humano, de um ser meramente biológico para um ser social. Essa transição é detalhadamente analisada por Leontiev (2004) em sua obra *O Desenvolvimento do Psiquismo*, demonstrando que o ser humano se diferencia pela atividade histórico-social e pela transição da história natural para história social. O trabalho social, o uso de instrumentos e o surgimento da linguagem constituíram os fatores fundamentais para o aparecimento da consciência humana, possibilitando ao indivíduo distinguir o mundo interior do mundo exterior concreto.

Nesse processo, o desenvolvimento da criança deve ser compreendido como a apropriação dos resultados do desenvolvimento histórico das gerações precedentes. Diferentes dos animais, que transmitem suas conquistas por via genética, o ser humano exige a mediação social para que suas aptidões especificamente humanas sejam formadas. Assim, a criança não apenas cresce, mas se "humaniza" à medida que se apropria da cultura e dos instrumentos simbólicos disponíveis em seu meio social.

Nesse cenário, a brincadeira de papéis sociais assume um papel central na infância. Ela não é um comportamento biológico instintivo, mas uma atividade social que exige que a criança se aproprie da cultura em interação com os adultos. A partir da Educação Infantil, a criança passa a utilizar a linguagem e a atividade como meios de transformação de suas funções psicológicas, que passam das formas elementares e hereditárias para as formas superiores, voluntárias e culturais. Conforme discutido por Luria (2010), no texto *O desenvolvimento da fala e a formação dos processos mentais*, a linguagem infantil, inicialmente ligada à ação concreta e apresentando um caráter simpráxico – no qual o signo é inseparável da ação –, começa a ganhar autonomia e se desvincular da atividade imediata por meio da situação imaginária do brincar.

A problemática que norteia este estudo busca compreender de que maneira o brincar, especialmente a brincadeira de papéis sociais, contribui para o desenvolvimento do psíquico infantil na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Nesse sentido, procura-se discutir como essa atividade, presente no contexto da Educação Infantil, pode favorecer a formação e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores nas crianças de 0 a 5 anos. Partimos do pressuposto, formulado por Vigotski, de que os processos psicológicos superiores são mediados socialmente e se originam nas relações entre sujeitos (plano interpsicológico) para se internalizarem e se constituírem como processos internos (plano intrapsicológico).

Dessa forma, este trabalho, vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação, Raça, Gênero e Territorialidade (GERAGENTE/IFCE) e ao Projeto de Iniciação Científica *Psicologia Histórico-Cultural, Desenvolvimento Psíquico e Educação Infantil*, pretende investigar as contribuições de Vigotski, Luria e Leontiev para a compreensão do desenvolvimento infantil. Ao focar na brincadeira de papéis sociais, busca-se demonstrar como esta atividade atua como um dos principais eixos de apropriação da cultura, permitindo que a criança desenvolva sua consciência e funções como atenção, memória e pensamento. O objetivo final é oferecer subsídios teóricos que orientem práticas pedagógicas e intervenções emancipatórias na Educação Infantil.

2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, uma vez que é desenvolvido com base em materiais já elaborados, como livros e artigos científicos (Gil, 2002). A abordagem adotada é a qualitativa, pois a análise dos dados fundamenta-se na interpretação teórica e na compreensão profunda dos conceitos apresentados, sem a utilização de instrumental estatístico para a mensuração dos resultados (Gil, 2002).

A base deste artigo fundamenta-se na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, sendo constituído pelos seguintes textos de *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, de Vigotski, Luria e Leontiev (2010); *O desenvolvimento do psiquismo*, de Leontiev (2004), bem como de intérpretes, *A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento*, de Cordazzo e Vieira (2007); *A periodização do*

desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski, de Facci (2004) e *Psicologia do jogo* de Elkonin (1998). O procedimento técnico consistiu na leitura analítica e interpretação desses textos buscando identificar as contribuições da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores na infância.

Como critério de seleção, foram escolhidos textos que tratam da relação entre brincadeira, desenvolvimento psíquico e aprendizagem, com foco na atividade lúdica como mediadora do processo de apropriação cultural. A análise foi feita a partir de encontros semanais, ocorridos de agosto de 2025 até março de 2026, com a leitura das obras citadas e momentos de debates e reflexões acerca dos seus conteúdos.

3 O brincar na Psicologia Histórico-Cultural

A Psicologia Histórico-Cultural compreende o desenvolvimento humano como um processo mediado social e culturalmente, tendo o brincar uma atividade fundamental na infância (Leontiev, 2010; Vigotski, 2010. Ambos os autores discutem essa temática na obra *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, especialmente nos textos *Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar* e *Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar,* fundamentam essa compreensão. Na fase pré-escolar, o brincar assume o papel de atividade principal da criança, promovendo mudanças significativas na consciência, na personalidade e nos processos psicológicos superiores. Diferente de abordagens que o tratam apenas como entretenimento ou fenômeno biológico, o brincar funciona como um espaço imaginário, onde a criança aprende lidar com relações humanas e internaliza valores e significados da cultura em que está inserida.

Para Leontiev (2010), o brincar surge como resposta a uma contradição típica da idade pré-escolar: a criança deseja agir como adulto, mas ainda não possui as capacidades necessárias para isso. Dessa forma, o brincar se torna um meio de satisfazer esses motivos sociais no plano imaginário, sendo orientado pelo sentido da ação e não necessariamente pela função real dos objetos utilizados. Nesse processo, a criança se envolve emocionalmente nas atividades e atribui novos significados aos objetos presentes na brincadeira.

Nesse contexto, as brincadeiras de papéis sociais como brincar de “mãe e filho” ou “médico e paciente”, a criança passa a internalizar normas, regras e papéis culturais de forma ativa, desenvolvendo gradualmente a consciência de si e do outro. Por essa razão, o brincar constitui a atividade que impulsiona mudanças psicológicas importantes nessa fase do desenvolvimento. Ao reproduzir imaginariamente as ações do mundo adulto, a criança substitui progressivamente impulsos imediatos por motivos sociais, processo fundamental para o desenvolvimento da personalidade (Leontiev, 2010, *Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar*).

Vigotski (2010), no texto *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar,* presente na obra *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem,* reforça que aprendizagem e desenvolvimento estão intimamente relacionados, introduzindo o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), compreendida como a diferença entre o nível de desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial.

Nesse sentido, Leontiev (2010), em *Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil,* propõe que o desenvolvimento psíquico deve ser compreendido a partir da atividade principal, compreendida como a atividade que, em cada etapa do desenvolvimento, organiza e impulsiona as transformações mais relevantes no psiquismo, sendo responsável pela formação de novas capacidades. Não corresponde necessariamente à atividade mais frequente, mas aquela que estrutura a relação da criança com o meio social e possibilita a apropriação da cultura.

Na fase pré-escolar, essa atividade é o brincar, no qual ocorrem transformações importantes do psiquismo infantil e a preparação para atividades mais estruturadas, como o estudo. Essa compreensão relaciona-se ao caráter sócio-histórico da psique humana, segundo o qual o desenvolvimento ocorre por meio da apropriação da cultura e das relações sociais (Leontiev, 2004). Nesse sentido, o brincar integra diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, como imaginação, autocontrole e internalização cultural.

4 A brincadeira de papéis sociais e suas contribuições para o desenvolvimento infantil

A partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada por teóricos soviéticos como Lev Vigotski, Alexander Luria e Alexis Leontiev, bem como por seus continuadores como Daniil Elkonin, a brincadeira de papéis sociais ocupa um papel de destaque no desenvolvimento humano. Para essa escola psicológica, o psiquismo, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança são fenômenos históricos e sociais, influenciados fortemente pela cultura e pelas relações interpessoais nas quais o indivíduo está inserido.

Nesse sentido, o brincar configura-se como a principal atividade da criança em idade pré-escolar, especialmente nas brincadeiras de papéis sociais, que favorecem a construção de relações com o contexto em que está inserida.

As brincadeiras de papéis sociais também contribuem para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois envolve imaginação, planejamento das ações e organização intencional de situações criadas durante o brincar. Quando a criança representa personagens e situações, ela passa a utilizar objetos de forma mais simbólica, atribuindo novos significados aos elementos do seu cotidiano.

De acordo com Vigotski (2021, p. 212), a brincadeira não está vinculada apenas ao desenvolvimento intelectual, mas também à dimensão afetiva. Conforme o autor, “a essência da brincadeira reside na realização de desejos, não de forma isolada, mas como expressão de afetos generalizados. Na idade pré-escolar, a criança reconhece suas relações com os adultos e reage a elas afetivamente”.

Cordazzo e Vieira (2007) destacam que a brincadeira pode estimular o desenvolvimento infantil e favorecer a aprendizagem escolar, assim, se constitui como um recurso importante no processo educativo. Segundo os autores, durante as atividades lúdicas as crianças interagem entre si, vivenciam situações e constroem novas formas de agir e entender a realidade, o que contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem.

Nesse contexto, as brincadeiras de papéis sociais contribuem especialmente para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Cordazzo e Vieira (2007) destacam que a

brincadeira constitui uma rica fonte de comunicação e estimula aspectos relacionados à sociabilidade, à linguagem e à cognição.

A percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos e das interações entre as pessoas é o que define o conteúdo da sua brincadeira (Facci, 2004). Como pontua Leontiev (2004), é na atividade lúdica que a criança descobre de fato as relações existentes entre os seres humanos, avaliando suas próprias habilidades e medindo-as com as de seus pares. Durante o jogo, os objetos perdem sua função utilitária original e passam a ter seus significados substituídos (como um cabo de vassoura que vira um cavalo), transformando-se em signos para a criança (Elkonin, 1998).

A relevância da brincadeira de papéis sociais ultrapassa o campo do entretenimento, configurando-se como o laboratório onde a criança realiza a transição do comportamento puramente biológico para o comportamento culturalmente mediado. Conforme Elkonin (1998) detalha em *Psicologia do Jogo*, a unidade fundamental da brincadeira de papéis é o próprio papel social assumido, que carrega consigo um sistema de regras implícitas. Quando uma criança brinca de "ser mãe", ela não apenas imita gestos, mas submete sua vontade a um padrão de comportamento socialmente estabelecido. Esse exercício de autocontrole é um dos maiores saltos no desenvolvimento: a criança deixa de agir sob o impulso imediato para agir de acordo com o sentido da regra do papel, o que constitui o germe da vontade voluntária.

Conforme discutido por Luria (2010), no capítulo *O desenvolvimento da fala e a formação dos processos mentais*, a brincadeira promove a superação da fala de caráter simpráxico, na qual a linguagem da criança está presa à ação e ao contexto imediato. Ao operar em uma situação imaginária, a criança ingressa em uma forma semântica de linguagem, onde o pensamento começa a se separar das coisas e a ação passa a derivar do significado da palavra e não apenas do objeto físico (Luria, 2010, p. 170). Ao atribuir novos significados aos objetos (como um cabo de vassoura que se torna um cavalo), o pensamento começa a se separar das coisas. Essa capacidade de lidar com significados abstratos e planejar a ação por meio da palavra é o que constitui base para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e para a aprendizagem escolar futura. Nesse estágio, a palavra deixa de

ser apenas um acompanhante da ação para tornar-se um instrumento de organização do comportamento voluntário.

Por fim, Leontiev (2004), na obra *O Desenvolvimento do Psiquismo,* esclarece que a brincadeira é o momento em que a criança se apropria das relações sociais humanas. Ao vivenciar o papel do adulto, ela experimenta motivação e sentimentos sociais que ainda não fazem parte de sua vida real. Assim, por meio da brincadeira, a criança ensaia o seu futuro, transformando o "eu quero" na consciência do "eu devo fazer conforme a regra", viabilizando o processo de humanização e a formação de processos psíquicos complexos que fundamentam o desenvolvimento integral da criança.

No contexto da Educação Infantil, o trabalho pedagógico com a brincadeira de papéis sociais exige uma organização intencional do espaço e do tempo por parte do professor mediador, superando a ideia de um brincar meramente espontâneo. Um exemplo prático dessa aplicação ocorre na organização de cantinhos temáticos, como o de um hospital ou posto de saúde, onde ao disponibilizar jalecos e instrumentos de brinquedo, o educador permite que a criança assuma o papel de médico ou enfermeiro. Nesse cenário, a regra implícita de que o profissional deve ser cuidadoso com o paciente ensina o autocontrole emocional e a empatia, forçando a criança a submeter seus impulsos imediatamente à lógica do papel social representado.

Da mesma forma, a estruturação de um mercadinho ou feira na sala de aula exige que as crianças utilizem objetos substitutos, como embalagens vazias, para representar produtos reais, o que estimula a superação da fala simpráxica. Ao negociar entre vendedor e cliente, a criança precisa planejar a troca social e operar com o significado simbólico do dinheiro e da mercadoria, desvinculando o pensamento do objeto físico.

Além disso, a encenação de papéis familiares, como brincadeiras de casinha, permite que a criança reconstrua as relações de afeto e autoridade que observam em sua realidade cotidiana. O professor pode intervir nesses momentos sugerindo novos conflitos imaginários, como a chegada de uma visita ou um imprevisto doméstico, desafiando a criança a buscar soluções no plano simbólico. Essa mediação amplia a capacidade de planejamento e o pensamento abstrato, transformando a brincadeira em um eixo central para a apropriação da

cultura e para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, conforme preconizado pelos objetivos deste estudo.

5 Considerações finais

A presente investigação permitiu concluir que o desenvolvimento psíquico infantil, longe de ser um processo meramente biológico ou maturacional, é uma construção histórica e social profunda. Através do referencial da Psicologia Histórico-Cultural, evidenciou-se que as funções psicológicas superiores - como o pensamento abstrato, a memória lógica e o autocontrole voluntário - são gestadas nas interações mediadas pela cultura e pela linguagem.

Nesse processo, a brincadeira de papéis sociais revela-se como a atividade guia do desenvolvimento na infância. Ela não apenas permite a satisfação de desejos impossíveis na realidade imediata, mas atua como o motor que impulsiona a criança a superar a linguagem simpráxica e a ingressar no universo dos significados abstratos. Ao assumir o papel do outro, a criança submete-se a regras sociais, transformando sua vontade e preparando-se para as exigências da vida escolar e social futura.

Portanto, os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de uma prática pedagógica na Educação Infantil que valorize o brincar como um eixo central de humanização. É dever do educador organizar o ensino de modo a criar zonas de desenvolvimento proximal ricas, garantindo que a criança tenha acesso aos bens culturais e as ferramentas simbólicas necessárias ao seu desenvolvimento pleno. Conclui-se, em última análise, que garantir o direito ao brincar é garantir à criança a possibilidade de apropriar-se da sua própria humanidade.

Referências

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 89-101, 2007.

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigtski**. Cadernos Cedes. v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.
ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
IFCE. **Projeto de Pesquisa: Psicologia Histórico-Cultural, Desenvolvimento Psíquico e Educação Infantil**. Canindé: Grupo de Pesquisa GERAGENTE / IFCE, 2025.
LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Ícone, 2004.
LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. *In*: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 11. ed.** São Paulo: Ícone, 2010. p. 119-142.
LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In:* VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 59-83.
LURIA, A. R. O desenvolvimento da fala e a formação dos processos mentais. *In*: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 11 ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 163-189.
VIGOTSKI, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In*: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103-117.
LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**.v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.
VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. Organização e tradução Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021.